

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

MAIO DE 1860

Nº 5

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 30 de março de 1860 – Sessão particular

Assuntos administrativos – O Sr. Ledoyen, tesoureiro, apresenta o balanço da situação financeira da Sociedade no segundo semestre do ano social, encerrado a 30 de março de 1860. O balanço é aprovado.

Comunicações diversas:

1º O Sr. Chuard, de Lyon, homenageia a Sociedade com duas brochuras, contendo uma a *Ode sacra sobre a imortalidade da alma*, e a outra, uma *Sátira sobre as sociedades em comandita*. A Sociedade agradece ao autor e, embora uma dessas duas brochuras seja estranha aos objetivos de seus trabalhos, ambas integram o acervo de sua Biblioteca.

2º Leitura de três cartas do Sr. Morhéry sobre as curas operadas pela Srta. Godu, médium curador, que foi morar na casa dele e colocou-se sob o seu patrocínio. Como homem de ciência, o Sr. Morhéry observa os efeitos do tratamento praticado por essa

senhorita nos diversos doentes que ela cuida. Ele procede a anotações exatas, como o faria numa sala de clínica, e até chegou a constatar, em curto espaço de tempo, resultados deveras prodigiosos.

Acrescenta o Sr. Presidente que a Sociedade tem duplo motivo para interessar-se pela Srta. Godu; além da simpatia que naturalmente excitam os exemplos de caridade e desinteresse, tão raros em nossos dias, do ponto de vista espírita essa jovem lhe oferece preciosa matéria de estudo, por desfrutar de uma faculdade de certo modo excepcional. Quem não se interessaria por um médium de efeitos físicos, capaz de produzir fenômenos extraordinários? Quem poderia ver com indiferença aquele cujas faculdades são proveitosas à Humanidade, revelando-nos, além disso, uma nova força da Natureza?

3º Carta do Sr. conde de R..., membro titular, que partiu para o Brasil, e que agora se acha retido no porto de Cherbourg, em razão do mau tempo. Ele pede à Sociedade que o evoque na presente sessão, se possível.

O Sr. T... observa que essa mesma pessoa já foi evocada duas vezes, parecendo-lhe supérflua uma terceira evocação.

O Sr. Allan Kardec responde que, sendo o estudo o objetivo da Sociedade, a mesma pessoa pode oferecer observações úteis numa terceira vez, tão bem quanto o fez na segunda ou na primeira. A experiência, aliás, prova que o Espírito é tanto mais lúcido e explícito quanto mais freqüentemente se comunica e, de certo modo, se identifica com o médium que lhe serve de instrumento. Não se trata aqui da satisfação a um capricho ou da vã curiosidade. Em suas evocações, a Sociedade não procura consentimento nem divertimento: ela quer instruir-se. Ora, encontrando-se o Sr. de R... numa situação completamente diferente daquela em que foi evocado, pode ensinar novas observações.

Consultado sobre a oportunidade de tal evocação, São Luís responde que ela não poderia ocorrer naquele momento.

Estudos:

1º São obtidos dois ditados espontâneos, um de São Luís, pela Srta. Huet, e outro de Charlet, pelo Sr. Didier Filho.

2º Perguntas diversas dirigidas a São Luís sobre o Espírito que se comunicou espontaneamente na última sessão sob o nome de *Being*, através da Srta. Boyer e que revelou a intenção de semear a perturbação e a discórdia e de ter interferido em diversas comunicações. Das respostas obtidas resulta um ensinamento interessante sobre o modo de ação dos Espíritos uns sobre os outros.

3º O Sr. R... propõe a evocação de um de seus amigos, desaparecido desde 1848 e do qual não se teve mais notícias.

Considerando-se o avanço das horas, tal evocação foi adiada para a próxima sessão.

A Sociedade decide que não se reunirá sexta-feira santa, 6 de abril. A partir de 20 de abril as sessões ocorrerão na nova sede da Sociedade, à rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Sexta-feira, 13 de abril – Sessão particular

Assuntos administrativos – Nomeação de quatro novos membros, como associados livres.

A Sociedade confirma o título de membro honorário a cinco membros precedentemente escolhidos.

Comunicações diversas – A Sra. Desl..., membro da Sociedade, tendo feito uma viagem a Dieppe, dirigiu-se até Grandes-Ventes, onde ouviu, do próprio padeiro Goubert, a

confirmação de todos os fatos relatados no número do mês de março, e com detalhes ainda mais minuciosos. Pelo exame dos lugares pôde constatar, sobretudo para certos fatos, que a fraude era impossível. Parece resultar das informações obtidas que esses fenômenos tiveram como causa a presença de um rapaz, que desde algum tempo estava a serviço do padeiro, responsável, igualmente, por fatos semelhantes ocorridos em outras casas. Sendo os fenômenos independentes de sua vontade, pode-se classificá-lo na categoria dos *médiuns naturais ou involuntários*, de efeitos físicos. Desde que deixou a casa do Sr. Goubert, nada se repetiu.

Estudos:

1º Ditados espontâneos, obtidos por três médiuns.

2º Evocação do Dr. Vogel, viajante no interior da África, onde morreu assassinado. A evocação não deu os resultados esperados. O Espírito declara estar sofrendo e reclama preces para ajudá-lo a sair da perturbação em que ainda se encontra. Diz que mais tarde poderá ser mais explícito.

Propõe o Sr. Allan Kardec, como assunto de estudo, o exame aprofundado e detalhado de certos ditados espontâneos, ou outros, que poderiam ser analisados e comentados como se faz com as críticas literárias. Tal gênero de estudo teria a dupla vantagem de exercitar a apreciação do valor das comunicações espíritas e, em segundo lugar, como conseqüência dessa apreciação, desencorajar os Espíritos enganadores que, vendo suas palavras censuradas, controladas pela razão e, finalmente, repelidas, desde que tivessem um cunho suspeito, acabariam por compreender que perdem tempo. Quanto aos Espíritos sérios, poderiam ser chamados para darem explicações e desenvolvimentos sobre os pontos de suas comunicações que necessitassem de elucidação.

A Sociedade aprova a referida proposta.

Sexta-feira, 20 de abril de 1860 – Sessão particular*Correspondência:*

1^o Carta do Sr. J..., de Saint-Étienne, membro titular, contendo apreciações muito judiciosas sobre o Espiritismo. Prova esta carta que o autor o compreende sob seu verdadeiro ponto de vista.

2^o Carta do Sr. L..., operário de Troyes, contendo reflexões quanto à influência moralizadora da Doutrina Espírita sobre as classes trabalhadoras. Convida os adeptos sérios a se ocuparem da propaganda em suas fileiras, no interesse da ordem, nelas visando reanimar os sentimentos religiosos, que se extinguem, dando lugar ao cepticismo, que é a chaga de nosso século e a negação de toda a responsabilidade moral.

Esses dois senhores já declararam em outras cartas jamais terem visto algo em matéria de Espiritismo prático, mas nem por isso estarem menos convencidos, em razão do alcance filosófico da ciência. O Presidente chama a atenção a esse respeito lembrando que diariamente tem exemplos semelhantes, não da parte de pessoas que acreditam cegamente, mas, ao contrário, daquelas que refletem e se dão ao trabalho de compreender. Para estas a parte filosófica é o principal, porque explica o que nenhuma outra filosofia resolveu; o fato das manifestações é acessório.

3^o Carta do Sr. Dumas, de Sétif, Argélia, membro da Sociedade, transmitindo novos detalhes interessantes sobre fatos cujos resultados testemunhou. Cita principalmente um jovem médium, que apresenta um fenômeno singular, qual seja, o de entrar espontaneamente, e sem ser magnetizado, numa espécie de sonambulismo, toda vez que se deseja fazer uma evocação por seu intermédio, e nesse estado escrever ou ditar verbalmente as respostas às questões propostas.

Comunicações diversas:

1º A Sra. R..., do Jura, membro correspondente da Sociedade, transmite um fato curioso que lhe é pessoal. Trata-se de um velho relógio, ao qual se ligam recordações da família, e que parece estar submetido a uma influência singular e inteligente em determinadas circunstâncias.

2º Leitura de uma comunicação obtida numa outra reunião espírita e assinada por Joana d'Arc. Contém excelentes conselhos aos médiuns sobre as causas que podem aniquilar ou perverter suas faculdades mediúnicas. (Publicada adiante).

3º O Sr. Col... inicia a leitura de uma evocação de São Lucas, evangelista, por ele dada em particular.

Percebendo que nessa evocação são abordadas diversas questões de dogmas religiosos, o Presidente interrompe a leitura em virtude do regulamento, que proíbe sejam tais assuntos tratados na Sociedade.

O Sr. Col... observa que, não tendo a comunicação nada que não seja ortodoxo, não tinha pensado que pudesse haver inconveniência em proceder à sua leitura.

Objeta o Presidente que as respostas sempre supõem perguntas. Ora, sejam as respostas ortodoxas ou não, não deixam de dar lugar à suposição de que a Sociedade se ocupa de coisas que lhe são interditas. Uma outra consideração vem corroborar esses motivos, a de que, entre os membros, há aqueles que pertencem a diferentes cultos; o que para uns seria ortodoxo, poderia não o ser para outros, razão a mais de nos abstermos. Aliás, o regulamento prescreve o exame prévio de toda comunicação obtida fora da Sociedade, medida que deverá ser observada rigorosamente.

Estudos – Evocação do Sr. B..., amigo do Sr. Royer, desaparecido de casa desde 25 de junho de 1848. Dá algumas

informações sobre sua morte acidental durante as escaramuças ocorridas naquela época. Pela linguagem e por algumas particularidades íntimas, reconhece o Sr. Royer a identidade.

Sexta-feira, 27 de abril de 1860 – Sessão geral

Comunicações diversas:

1º Carta do Dr. Morhéry, contendo novos estudos sobre as curas que ele obteve com o concurso da Srta. Godu, por meio daquilo que se pode chamar a *medicina intuitiva*. (Publicada a seguir).

2º A propósito da medicina intuitiva, o Sr. C..., um dos ouvintes presentes à sessão, após convidado pelo Presidente, dá informações do mais alto interesse sobre o poder curador de que desfrutam certas castas negras. Natural do Hindustão, de origem indiana, o Sr. C... foi testemunha ocular de numerosos fatos desse gênero, dos quais não se dava conta àquela época. Hoje ele encontra a chave no Espiritismo e no magnetismo. Os negros curadores fazem largo uso de certas plantas, mas muitas vezes se contentam em apalpar e friccionar o doente, agindo conforme as instruções de vozes ocultas que lhes falam.

3º Fato curioso de intuição circunstanciada de uma existência anterior. A pessoa em questão, que consigna o fato numa carta a um de seus amigos, o qual a leu, diz que desde sua infância tem uma lembrança precisa de haver perecido durante os massacres de São Bartolomeu, recordando-se até mesmo de detalhes de sua morte, lugares, etc. As circunstâncias não permitem ver nesse pensamento o resultado de uma imaginação exaltada, considerando-se que tal lembrança remonta a uma época na qual não se cogitava absolutamente nem de Espíritos nem de reencarnação.

4º O Sr. Georges G..., de Marselha, transmite o seguinte fato: Um jovem rapaz morreu há oito meses, e sua família, na qual

se encontram três irmãos médiuns, o evoca quase diariamente, servindo-se de uma cesta. Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, do qual muito gostava, pula sobre a mesa e vem cheirar a cesta, dando grunhidos. A primeira vez que isso aconteceu a cesta escreveu espontaneamente: Meu bravo cachorrinho, tu me reconheces!

Diz o Sr. G... poder assegurar a realidade do fato. Não o viu, mas as pessoas que o contam, e que muitas vezes o testemunharam, são muito bons espíritos e bastantes sérias para que se possa duvidar de sua sinceridade. Depois disso, pergunta ele se o perispírito, mesmo não tangível, tem um aroma qualquer, ou se certos animais são dotados de uma espécie de mediunidade.

Um estudo especial será feito ulteriormente sobre esse interessante assunto, no qual outros fatos não menos curiosos parecem lançar alguma luz.

5º Constatação de um Espírito mau, trazido a uma reunião particular por um visitante, donde se pode deduzir a influência exercida pela presença de certas pessoas, em determinadas circunstâncias.

6º Leitura de uma evocação particular, feita pelo Sr. Allan Kardec, de uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, falecida em 1830, e em presença de sua própria filha, que pôde constatar a identidade do Espírito evocado. Tal evocação apresenta, sob diversos pontos, um alto grau de ensino, emprestando um interesse particular às circunstâncias em que foi feita. (Publicada adiante).

Estudos:

1º Ditado espontâneo obtido por intermédio da Sra. P..

2º Evocação de Stevens, companheiro de Georges

Brown.

História do Espírito Familiar do Senhor de Corasse

Devemos à gentileza de um de nossos assinantes a interessante notícia que se segue, tirada das crônicas de Froissard, provando que os Espíritos não são uma descoberta moderna. Pedimos permissão aos nossos leitores para relatá-la no estilo da época (Século XIV); ela perderia a sua originalidade, caso fosse traduzida para a linguagem moderna.

A batalha de Juberoth é célebre nas crônicas antigas. Ocorreu durante a guerra que João, rei de Castela, e Diniz, rei de Portugal, travaram para sustentar suas respectivas pretensões sobre o último reino. Os castelhanos e os bearneses foram reduzidos a pedaços. O fato que Froissard relata nessa ocasião é dos mais singulares. Lê-se no capítulo XVI do livro III de sua crônica que, no dia seguinte à batalha, o conde de Foix foi informado quanto ao seu resultado, o que a distância dos lugares tornava inconcebível naquela época. É um escudeiro do conde Foix que narra a Froissard o fato em questão:

“Todo o dia de domingo, e o dia de segunda-feira e o de terça-feira seguinte, estando o conde de Foix em seu castelo, em Ortais, apresentava o semblante tão fechado e tão duro que dele não se arrancava uma única palavra. Durante esses três dias não quis sair de seu quarto, nem falar ao cavaleiro, nem ao escudeiro, por mais próximo que estivessem, a menos que os chamasse; e ainda aconteceu que ordenou se afastassem aqueles com os quais não desejava trocar uma só palavra naqueles três dias. Quando chegou terça-feira à noite, ele chamou seu irmão, Arnaut-Guillaume, e lhe disse baixinho: Nossa gente enfrentou dificuldades que me enfureceram, pois, como lhes dissera ao partirem, cabaram sendo assaltados em viagem. Arnaut-Guillaume, que é um homem muito prudente e um cavaleiro audacioso, conhecendo a maneira e a condição de seu

irmão, calou-se, e o conde, que desejava experimentar sua coragem, por haver durante muito tempo suportado seu aborrecimento, tomou ainda a palavra e falou mais alto do que o fizera da primeira vez, dizendo: Por Deus, Senhor Arnaut, é assim como vos digo e logo teremos notícias, mas nunca o país de Béarn perdeu tanto, desde cem anos até hoje, como perdeu desta vez em Portugal. Vários cavaleiros e escudeiros que estavam presentes e que viram e compreenderam o conde, não ousaram falar. E então, dez dias mais tarde, soube-se a verdade por parte daqueles que lá haviam estado por dever de ofício, os quais lhe contaram primeiramente, fazendo-o em seguida a todos quantos quisessem ouvir, todas as coisas, na forma e maneira por que se deram em Juberoth. Isto renovou o pesar do conde e da gente de seu país, que lá haviam perdido seus irmãos, seus pais, seus filhos e seus amigos.

“Santa Maria! – disse eu ao escudeiro que me narrava a história – como pôde o conde de Foix saber, sem presumir, da noite para o dia? – Por minha fé, disse ele, ele o sente bem, como o demonstrou. – Então é adivinho, disse eu; ou tem mensageiros que cavalgam tão rápido quanto o vento, ou deve se tratar de alguma artimanha. – O escudeiro começou a rir e disse: É preciso que ele o saiba por alguma espécie de necromancia. A bem da verdade, nada sabemos, nesta terra, como ele a usa, a não ser por suposição. Então, disse eu ao escudeiro, tende a bondade de me dizer e declarar a imaginação que pensais, e eu vos serei grato. E se é uma coisa para calar, calarei; jamais abrirei minha boca, haja o que houver no mundo. – Peço-vos, disse o escudeiro, pois não gostaria que soubessem que eu o tivera dito. Então me levou para um ângulo do castelo de Ortais e depois começou a fazer o seu relato, dizendo:

“Há cerca de vinte anos, reinava neste país um barão que se chamava Raymon, Senhor de Corasse. Como sabeis, Corasse é uma cidade a sete léguas desta cidade de Ortais. Ao tempo em que vos falo o Senhor de Corasse tinha um pleito em Avinhão, perante

o papa, sobre os dízimos da Igreja, em sua cidade, contra um padre da Catalunha, muito abastado e que reclamava direitos sobre esses dízimos de Corasse, que bem valiam uma renda anual de cem florins, e o direito que ele tinha mostrava e provava; por sentença definitiva, o papa Urbano V, em consistório geral, condenou o cavaleiro e julgou a favor do padre. Da última sentença do papa levou carta e cavalgou tantos dias que chegou ao Béarn e mostrou suas bulas e suas cartas e entrou na posse desse dízimo. O Senhor de Corasse adiantou-se e disse ao padre: Mestre Pedro, ou Mestre Martin – tal era o seu nome – pensais que por vossas cartas eu deva perder minha herança? Não vos considero tão atrevido a ponto de a tomar, nem que leveis as coisas que são minhas, porquanto se o fizerdes arriscais vossa vida. Mas ide a outra parte impetrar benefícios, porque de minha herança nada obtereis; e, de uma vez por todas, eu vo-lo proíbo. O padre desconfiou do cavaleiro, que era cruel, e não ousou insistir. Avisou que retornaria a Avinhão, como de fato o fez. Mas quando devia partir, veio à presença do cavaleiro e Senhor de Corasse e lhe disse: Pela força, e não pelo direito, vós me tirais os direitos de minha Igreja, com o que, em consciência, praticais grande erro. Não sou tão forte neste país como vós o sois, mas sabeis que o mais cedo que eu poder, eu vos enviarei um campeão que temereis mais do que a mim. O Senhor de Corasse, não levando em consideração essas ameaças, disse-lhe: Vai a Deus, vai, faze o que puderes; eu não temo, morto ou vivo; já por tuas palavras não perderei minha herança.

“Assim se foi o padre e voltou, não sei para onde, para a Catalunha ou para Avinhão, e não esqueceu o que havia dito ao partir o Senhor de Corasse, porque, quando o cavaleiro menos pensava, cerca de três meses depois, em seu castelo, enquanto dormia em seu leito, ao lado de sua mulher, surgiram mensageiros invisíveis que começaram revolver tudo quanto encontravam no castelo, parecendo que queriam tudo arrasar, desferindo golpes tão grandes no quarto do senhor que a dama, que lá estava, ficou completamente apavorada. O cavaleiro ouvia tudo isso muito bem,

mas não emitiu uma só palavra, por não querer demonstrar falta de coragem. Assim, foi bastante astucioso para enfrentar todas as aventuras. Essas confusões e desordens em vários locais do castelo duraram muito tempo, cessando depois. Na manhã seguinte todos os hóspedes se reuniram e vieram ao senhor, à hora em que ele se levantou, e lhe perguntaram: Senhor, não ouvistes o que ouvimos esta noite? O Senhor de Corasse disse que não. Que coisas ouvistes? Então lhe falaram sobre a tempestade que se abateu no castelo, derrubando e quebrando toda a louça da cozinha. Ele se pôs a rir e disse que eles haviam sonhado e que fora apenas o vento. Em nome de Deus – disse a senhora – eu também ouvi.

“Quando, em seguida, veio a outra noite, ainda voltaram aquelas tempestades, provocando maior barulho que antes e dando golpes tão grandes nas portas e nas janelas do quarto do cavaleiro que parecia que tudo ia romper-se. O cavaleiro saiu do leito e não pôde nem quis obter o que desejava: Quem é que bate assim a esta hora à porta do meu quarto? Logo lhe responderam: Sou eu. O cavaleiro perguntou-lhe: Quem te envia? – Envia-me o padre da Catalunha, a quem fazes grande mal, porque lhe tiras os direitos de seus benefícios. Não te deixarei em paz enquanto não lhe prestares boa conta e ele não ficar contente.

“O cavaleiro perguntou: Como te chamas, tu que és tão bom mensageiro? – Chamam-me Orthon. – Orthon, disse o cavaleiro, o serviço de um padre nada te vale. Ele te dará e te fará muito sofrimento. Se queres crer-me, peço-te, deixa-me em paz e serve-me, e eu te serei muito grato. – Orthon julgou por bem responder, porque logo se aproximou do cavaleiro e lhe disse: Quereis? – Sim, disse o cavaleiro, mas que não faças mal a ninguém nesta casa. – A ninguém, disse Orthon; não tenho nenhum poder a não ser te despertar e te impedir de dormir, a ti ou aos outros. – Faze o que te digo, disse o cavaleiro, e entraremos em acordo; deixa esse padre malvado, que nada possui de bom em si, exceto que pena por ti; assim, serve-me. – Já que o queres, disse Orthon, eu o quero.

“Assim esse Orthon se ligou de tal modo ao Senhor de Corasse, que muitas vezes vinha vê-lo à noite; e quando o encontrava dormindo puxava o travesseiro ou dava pancadas nas portas e nas janelas do quarto, despertando o cavaleiro, que lhe dizia: Orthon, deixa-me dormir. Não o farei, dizia Orthon, sem que antes te dê notícias. A esposa do cavaleiro, então, teve tão grande medo que seus cabelos se eriçaram, levando-a a esconder-se sob as cobertas. – Então, perguntava o cavaleiro, que novidades me trazes? – Respondeu Orthon: Venho da Inglaterra, ou da Hungria ou de outro lugar. Saí ontem e aconteceram tais coisas. Assim, soube o Senhor de Corasse, através de Othon, tudo quanto se passava pelo mundo. Manteve esse mensageiro durante cinco anos e não podia calar-se nem fazer-se descobrir ao conde de Foix, pela maneira por que vos direi. No primeiro ano o Senhor de Corasse veio diversas vezes ao conde de Foix, em Ortais, e lhe dizia: Senhor, tal coisa aconteceu na Inglaterra, ou na Alemanha, ou em outro país; e o conde de Foix, após verificar que tudo era verdade, ficava maravilhado de como vinha a saber tais coisas. E tanto insistiu uma vez que o Senhor de Corasse terminou por dizer-lhe como e por quem lhe vinham tais notícias.

“Quando o conde de Foix soube a verdade ficou muito contente e lhe disse: Senhor de Corasse, procurai ser-lhe agradável; eu bem que gostaria de ter um tal mensageiro. Isso não vos custa nada e por esse meio ficareis sabendo realmente o que acontece no mundo. O cavaleiro respondeu: Senhor, eu o farei. – Assim, o Senhor de Corasse foi servido por Orthon durante muito tempo. Não sei se esse Orthon tinha mais de um senhor, mas todas as semanas, duas ou três vezes, vinha visitar o Senhor de Corasse, dando-lhe notícias do que acontecia nos países onde tinha conversado, e este as escrevia ao conde de Foix, o qual tinha grande alegria.

“Uma vez estava o Senhor de Corasse com o conde de Foix e conversavam sobre isto, de modo que o conde lhe

perguntou: Senhor de Corasse, nunca vistes o vosso mensageiro? – Palavra de honra, nunca, nem uma só vez. – É maravilhoso, disse o conde; se ele me fosse tão ligado quanto a vós, eu lhe teria pedido que o demonstrasse a mim; e peço que vos deis ao trabalho de dizer-me qual a sua forma e a sua maneira. Dissestes que ele fala tão bem o gascão como eu e vós. – Juro, disse o Senhor de Corasse, é verdade; ele fala tão bem e tão bonito como vós e eu; e juro que procurarei vê-lo, já que mo aconselhais. Sucedeu que o Senhor de Corasse, como em outras noites, estava em seu leito, ao lado de sua mulher, a qual já se acostumara a ouvir Orthon e não mais tinha medo. Então veio Orthon e puxou o travesseiro do Sr. de Corasse, que dormia profundamente. Despertando, o Senhor de Corasse perguntou: Quem está aí? – Sou eu, respondeu Orthon. E lhe perguntou: De onde vens? – Venho de Praga, na Boêmia. – Quanto, disse ele, tudo bem? – Sessenta dias, respondeu Orthon. – E vieste tão cedo? – Sim, por Deus; vou tão rápido quanto o vento, ou mais. – Então tens asas? – Nenhuma, disse. Como, então, podes voar tão rápido? Respondeu Orthon: Não tendes senão que ouvir as notícias que vos trago. – Por Deus, disse o Senhor de Corasse, eu preferia te ver. Respondeu Orthon: Já que desejais ver-me, a primeira coisa que vereis e encontrareis amanhã de manhã, quando sairdes do leito, será eu. – Basta, disse o Senhor de Corasse. Agora vai; eu te dispense por esta noite. Na manhã seguinte o Sr. de Corasse levantou-se. A senhora tinha tanto medo que ficou doente e disse que não se levantaria naquele dia, mas o senhor ordenou que ela se levantasse. – Senhor, disse ela, eu veria Orthon; e não quero vê-lo de forma alguma, se Deus mo permitir. Então, disse o Senhor de Corasse: Eu quero vê-lo. Saiu de mansinho do leito, mas nada viu que pudesse dizer: Eu vi Orthon aqui. O dia se passou e veio a noite. Quando o Senhor de Corasse estava deitado em sua cama, veio Orthon e começou a falar, como de costume. Vai, disse o Senhor de Corasse a Orthon, és um mentiroso; devias ter-te mostrado muito bem a mim e não o fizeste. – Sim, fiz. – Não o fizeste. – E quando saíste do leito, disse Orthon, nada vistes? O Senhor de Corasse pensou um pouco e lembrou-se. Sim,

respondeu ele, ao sair da cama e pensando em ti, vi dois fetos de palha no assoalho, que giravam juntos. – Era eu, disse Orthon, na forma que tinha tomado. – Disse o Senhor de Corasse: Isto não me basta; peço-te que tomes outra forma, de tal modo que te possa ver e reconhecer. – Orthon respondeu: Pedis tanto que me perdereis e vos deixarei, porque exigis muito. – Disse o Senhor de Corasse: Tu não te irás de mim. Se eu te tivesse visto uma vez, não te pediria mais para te ver novamente.

“Ora, disse Orthon, ver-me-eis amanhã; e tomai cuidado com a primeira coisa que virdes ao sair do vosso quarto. No dia seguinte, à hora terça, o Senhor de Corasse levantou-se, aprontou-se e, tão logo saiu do quarto veio a um local que dá para o pátio do castelo; lançou os olhos e a primeira coisa que viu foi uma porca, a maior que já tinha visto; mas era tão magra que parecia ter apenas pele e ossos; tinha as orelhas grandes, caídas e manchadas e o focinho longo e agudo. O Senhor de Corasse ficou muito admirado da porca. Como não a via com prazer, ordenou à sua gente: Soltem os cães; quero ver esta porca morta e devorada. Os criados saíram, abriram o lugar onde estavam os cães e os fizeram assaltar a porca, que soltou um grande grito e olhou firmemente para o Senhor de Corasse, que se apoiava no terraço em frente ao quarto e não mais a viu, porquanto ela desvaneceu-se, não se sabendo em que se tornou. O Senhor de Corasse entrou em seu quarto muito pensativo e lembrou-se de Orthon. Creio que vi Orthon, meu mensageiro. Arrependo-me de haver lançado meus cães sobre ele. Será um azar se não mais o vir, pois me disse várias vezes que assim que o reconhecesse eu o perderia. – Ele disse a verdade. Desde então não voltou mais ao castelo de Corasse, e o cavaleiro ali morreu no ano seguinte.

“É verdade, perguntei ao escudeiro, que o conde de Foix tenha se servido de tal mensageiro? Para dizer a verdade: sim, é a opinião de vários homens de Béarn, pois nada se faz na região e alhures sem que ele o queira ou se empenhe, a menos que não o

saiba ou não tenha tomado cuidado. Assim, foi com bons cavaleiros e escudeiros deste país que estavam em Portugal. A graça e o renome que ele tem por isto lhe foi de grande proveito, porque não perdia em casa o valor de uma colher de ouro ou de prata, nem coisa alguma sem que logo desse falta.”

Correspondência

Carta do Dr. Morhéry sobre diversas curas obtidas pela medicação da senhorita Désirée Godu:

Plessis-Doudet, perto de Loudéac, Côtes-du-Nord, 25 de abril de 1860.

Senhor Allan Kardec,

Venho hoje me desobrigar da promessa feita de vos assinalar os casos de cura que obtive com o concurso da Srta. Godu. Como havereis de compreender, não enumerarei todos, pois seria muito longo. Limite-me a fazer uma escolha, não em virtude da gravidade, mas da variedade das moléstias. Não quis repetir os mesmos casos nem mencionar curas de pouca importância.

Vede, senhor, que a Srta. Godu não perdeu tempo desde que se encontra em Plessis-Boudet. Já visitamos mais de duzentos doentes e tivemos a satisfação de curar quase todos os que tiveram a paciência de seguir as prescrições. Não vos falo dos nossos cancerosos, eles estão bem encaminhados; mas esperarei resultados positivos antes de me pronunciar. Temos ainda grande número de doentes em tratamento; escolhemos, de preferência, os que são considerados incuráveis. Dentro de pouco tempo espero ter novos casos de cura a vos indicar. São principalmente as afecções reumáticas, as paralisias, as ciáticas, as úlceras, os distúrbios ósseos e as chagas de qualquer natureza que o sistema de tratamento parece dar melhores resultados.

Posso assegurar-vos, senhor, que aprendi muitas coisas úteis que, antes do meu contato, essa senhorita ignorava. Cada dia ela me ensina algo de novo, tanto para o tratamento quanto para o diagnóstico. Em relação ao prognóstico, ignoro como pode fixá-lo; todavia, ela não se engana. Com a ciência ordinária não se pode explicar uma tal penetração, mas vós, senhor, a compreendeis facilmente.

Termino declarando que certifico como verdadeiras e sinceras todas as observações que se seguem, com a minha assinatura.

Aceitai, etc.

Morhéry, doutor em Medicina

1^a *Observação*, nº 5 (23 de fevereiro de 1860). François Langle, trabalhador jornaleiro. Diagnóstico: febre terçã há seis meses. A febre tinha resistido ao sulfato de quinina, por mim administrado várias vezes ao doente; foi curado em cinco dias de tratamento com simples infusões de plantas diversas, e o doente passa melhor do que nunca. Poderia citar dez curas semelhantes.

2^a *Observação*, nº 9 (24 de fevereiro de 1860). Senhora R..., de Loudéac, 32 anos de idade. Diagnóstico: inflamação e intumescimento crônico das amígdalas; cefalalgia violenta; dores na coluna vertebral; abatimento geral; ausência de apetite. O mal começou por arrepios e surdez e já dura dois anos. – Prognóstico: caso grave e difícil de curar, o mal tem resistido aos melhores tratamentos aplicados. Hoje a doente está curada; prossegue o tratamento apenas para evitar uma recaída.

3^a *Observação*, nº 13 (25 de fevereiro de 1860). Pierre Gaubichais, do vilarejo de Ventou-Lamotte, 23 anos. Diagnóstico: inflamação subaponevrótica no dorso e na palma da mão. – Prognóstico: caso grave, mas não incurável. A cura foi obtida em menos de quinze dias. Temos quatro ou cinco casos semelhantes.

4ª *Observação*, nº 18 (26 de fevereiro de 1860). François R..., de Loudéac, 27 anos. Diagnóstico: tumor branco cicatrizado no joelho esquerdo; abscesso fistuloso na parte posterior da coxa, acima da articulação. O mal existe desde os dez anos. – Prognóstico: caso muito grave e incurável, resistiu aos melhores tratamentos instituídos durante seis anos. O doente foi pensado com unguentos preparados pela Srta. Godu e tomou infusões de plantas diversas. Hoje se pode considerá-lo curado.

5ª *Observação*, nº 23 (25 de fevereiro de 1860). Jeanne Gloux, operária em Tierné-Loudéac. Diagnóstico: panarício muito intenso há dez dias. A doente foi curada radicalmente em quinze dias apenas com os unguentos da Srta. Godu. As dores desapareceram a partir do segundo curativo. Temos três curas semelhantes.

6ª *Observação*, nº 12 (25 de fevereiro de 1860). Vincent Gourdel, tecelão em Lamotte, 32 anos. Diagnóstico: oftalmia aguda, conseqüente a uma erisipela intensa. Injeção inflamatória da conjuntiva e grande belida¹⁶ manifestando-se na córnea transparente do olho esquerdo; estado inflamatório geral. – Prognóstico: afecção grave e muito intensa. É de temer-se que o olho se perca em dez dias. – Tratamento: aplicação de unguentos sobre o olho doente. Hoje a oftalmia está curada; a belida desapareceu, mas o tratamento continua para combater a erisipela, que parece ser de natureza periódica e, talvez, dartrosa¹⁷.

7ª *Observação*, nº 31 (27 de fevereiro de 1860). Marie-Louise Rivière, jornaleira em Lamotte, 24 anos. Diagnóstico: reumatismo antigo na mão direita, com debilidade completa e paralisia das falanges; impossibilidade de trabalhar. Causa

16 **N. do T.:** Mancha permanente da córnea devida a traumatismos ou ulcerações.

17 **N. do T.:** Que apresenta *dartro*, termo genérico com o qual se designavam várias afecções cutâneas.

desconhecida. – Prognóstico: cura muito difícil, se não impossível. Curada em vinte dias de tratamento.

8^a *Observação*, nº 34 (28 de fevereiro de 1860). Jean-Marie Le Berre, 19 anos, indigente em Lamotte. Diagnóstico: cefalalgia violenta, insônia, hemorragias freqüentes pelas fossas nasais, desvio para dentro do joelho direito e para fora da mesma perna. O doente realmente está estropiado. – Prognóstico: incurável. – Tratamento: tópico extrativo e unguentos da Srta. Godu. Hoje o membro se endireitou e a cura é mais ou menos completa; entretanto, continua-se o tratamento, por precaução.

9^a *Observação*, nº 50 (28 de fevereiro de 1860). Marie Nogret, 23 anos, de Lamotte. Diagnóstico: Inflamação da pleura e do diafragma, intumescimento e inflamação das amígdalas e da úvula, palpitações, tontura, sufocações. – Prognóstico: embora a paciente seja forte, seu estado é grave; não pode dar dois passos. – Tratamento: infusões de plantas diversas. Melhor desde o dia seguinte e cura radical em oito dias.

10^a *Observação*, nº 109 (12 de março de 1860). Pierre Le Boudu, comuna de Saint-Hervé. Diagnóstico: surdez desde os dezoito anos, conseqüente a uma febre tifóide. – Prognóstico: incurável e rebelde a todo tratamento. – Tratamento: injeções e usos de infusões de plantas diversas, preparadas pela Srta. Godu. Hoje o doente ouve o movimento de seu relógio; o barulho o incomoda e atordoa, em razão da sensibilidade do ouvido.

11^a *Observação*, nº 132 (18 de março de 1860). Marie Le Maux, dez anos, residente em Grâces. Diagnóstico: reumatismo com rigidez das articulações, particularmente em ambos os joelhos; a criança só anda com muletas. – Prognóstico: caso muito grave, se não incurável. – Tratamento: tópico extrativo, e curativos com unguentos da Srta. Godu. Cura em menos de vinte dias. Hoje anda sem muletas, nem bengala.

12^a *Observação*, n^o 80 (19 de março de 1860) Hélène Lucas, nove anos, indigente em Lamotte. Diagnóstico: protrusão e intumescimento permanente da língua, que avança de 5 a 6 centímetros além dos lábios e parece estrangulada; a língua é rugosa, os dentes inferiores estão corroídos pela língua; para comer, a criança é obrigada a afastar a língua para um lado com uma mão e introduzir os alimentos na boca com a outra. Tal estado remonta à idade de dois meses e meio. – Prognóstico: caso muito grave julgado incurável. Hoje a língua retraiu-se e a doente está quase completamente curada.

Morhéry

Notar-se-á sem dificuldades que as notícias acima não constituem esses certificados banais, solicitados pela cupidez, nos quais muitas vezes a complacência disputa com a ignorância. São observações de um profissional que, pondo de lado o amor-próprio, admite francamente a sua insuficiência em presença dos infinitos recursos da Natureza, que não lhe disse a última palavra nos bancos escolares. Reconhece que essa moça, sem instrução especial, ensinou-lhe mais do que certos livros dos homens, porque lê no próprio livro da Natureza. Como homem sensato, prefere salvar um doente por meios aparentemente irregulares, a deixá-lo morrer segundo as regras; e não se julga humilhado.

Comprometemo-nos a fazer um estudo sério no próximo artigo, do ponto de vista teórico, sobre essa faculdade intuitiva, mais freqüente do que se pensa, mas que é mais ou menos desenvolvida, através da qual a Ciência poderá haurir preciosas luzes, quando os homens não se julgarem mais sábios que o Senhor do Universo. Através de um homem muito esclarecido, natural do Hindustão e de origem indiana, obtivemos preciosos ensinamentos sobre as práticas da Medicina intuitiva pelos nativos, e que vêm acrescentar à teoria o testemunho de fatos autênticos, bem observados.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

JARDIN

(Sociedade de Paris, 25 de novembro de 1859)

Lê-se no *Journal de la Nièvre*. Um acidente funesto ocorreu sábado passado na estação ferroviária. O Sr. Jardin, homem de sessenta e dois anos, ao sair do pátio da estação, foi colhido pelos varais de um tálburi, exalando o último suspiro poucas horas depois.

A morte desse homem revelou uma das mais extraordinárias histórias, à qual não teríamos dado crédito se testemunhas verídicas não nos tivessem garantido a sua autenticidade. Ei-la, tal qual nos foi narrada:

Antes de ser empregado no entreposto de tabacos de Nevers, Jardin morava no Cher, burgo de Saint-Germain-des-Bois, onde exercia a profissão de alfaiate. Sua mulher tinha morrido havia cinco anos, nesse vilarejo, vítima de uma fluxão de peito, quando, há oito anos, ele deixou Saint-Germain para vir morar em Nevers. Empregado laborioso, Jardin era muito piedoso, de uma devoção que raiava à exaltação; entregava-se com fervor às práticas religiosas. Em seu quarto tinha um genuflexório, no qual gostava de ajoelhar-se. Sexta-feira à noite, achando-se só com a filha, anunciou-lhe, de repente, que um secreto pressentimento o advertia de que seu fim estava próximo. — “Escuta — disse-lhe ele — minhas últimas vontades: Quando eu estiver morto, remeterás ao Sr. B... a chave do meu genuflexório para que ele leve o que ali encontrar e deposite em meu caixão.”

Surpreendida por essa brusca recomendação, a Srta. Jardin, não sabendo ao certo se o pai falava sério, perguntou-lhe o que poderia haver no genuflexório. A princípio recusou responder, mas, como ela insistisse, ele lhe fez a estranha revelação de que o que se achava ali eram os restos de sua mãe! Informou-lhe que,

antes de deixar Saint-Germain-des-Bois, tinha ido ao cemitério durante a noite. Todos dormiam no vilarejo. Sentindo-se muito só, tinha ido à sepultura da esposa e, armado de uma pá, havia cavado a terra até atingir o caixão que continha os restos daquela que fora sua companheira. Não querendo separar-se desses preciosos despojos, recolhera os ossos e os depositara no seu genuflexório.

A essa estranha confiança, um pouco amedrontada, mas sempre duvidando que o pai falasse sério, a Srta. Jardin prometeu-lhe conformar-se às suas últimas vontades, persuadida de que ele queria divertir-se à sua custa, e que no dia seguinte lhe daria a solução desse fantástico enigma.

No dia seguinte, sábado, Jardin foi ao escritório, como de costume. Cerca de uma hora foi mandado à estação de mercadorias para despachar sacos de tabaco destinados ao abastecimento do entreposto. Mal saíra da estação foi atingido no peito pelos varais de um tûlburí, que lhe passara despercebido em meio às viaturas estacionadas no embarcadouro. Seus sentimentos não o haviam enganado. Derrubado pela violência do choque, foi levado para casa sem sentidos.

Os socorros prodigalizados fizeram-lhe recobrar os sentidos. Pediram para tirar-lhe as roupas, a fim de examinar os ferimentos, mas ele se opôs vivamente; insistiram, e recusou ainda. Mas como, apesar da resistência, se dispunham a despi-lo, prostrou-se de repente: estava morto.

O corpo foi posto numa cama. Qual não foi, porém, a surpresa dos presentes quando, depois de despido, viu-se sobre o coração um saco de couro, amarrado em volta de seu corpo! Um corte feito pelo médico, chamado para constatar a morte, separou o saco em duas partes, de onde escapou uma mão seca!

Lembrando-se do que o pai lhe houvera dito na véspera, a Srta. Jardin preveniu os senhores B... e J..., marceneiros.

Aberto o genuflexório, dele foi retirado uma barretina da Guarda Nacional, no fundo da qual encontrava-se a cabeça de um morto, ainda com os cabelos; depois perceberam, no fundo do genuflexório, dispostos sobre os raios, os ossos de um esqueleto: eram os restos da esposa de Jardim.

Domingo último os despojos de Jardim foram conduzidos à derradeira morada. Para satisfazer à vontade do sexagenário, puseram no caixão os restos de sua mulher e, sobre seu peito, a mão seca que, se assim podemos nos exprimir, durante oito anos havia sentido o bater de seu coração.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Quem vos preveniu de que desejávamos falar-vos?

Resp. – Nada sei; fui arrastado até aqui.

3. Onde estáveis quando vos chamamos?

Resp. – Junto a um homem de quem gosto, acompanhado de minha esposa.

4. Como tivestes o pressentimento da morte?

Resp. – Tinha sido prevenido por aquela que tanto lamentava. Deus o havia concedido, por sua prece.

5. Então vossa mulher estava sempre ao vosso lado?

Resp. – Ela não me deixava.

6. Os seus restos mortais, que conserváveis no genuflexório, eram a causa de sua presença contínua?

Resp. – De maneira alguma; mas eu o acreditava.

7. Assim, se não tivésseis conservado esses restos, nem por isso o Espírito de vossa mulher deixaria de ficar ao vosso lado?

Resp. – Então o pensamento não é mais poderoso para

atrair o Espírito do que os restos, sem importância para ele?

8. Revistes imediatamente vossa esposa no momento da morte?

Resp. – Foi ela quem veio receber-me e esclarecer-me.

9. Tiveste imediatamente a consciência de vós mesmo?

Resp. – Ao cabo de pouco tempo; eu tinha uma fé intuitiva na imortalidade da alma.

10. Vossa esposa deve ter tido existências anteriores à última. Como se explica que as tenha esquecido, para consagrar-se inteiramente a vós?

Resp. – Tinha de me guiar em minha vida material, sem, por isso, renunciar às suas antigas afeições. Quando dizemos que jamais deixamos um Espírito encarnado, deveis compreender que por isso queremos dar a entender que freqüentemente estamos mais junto a ele do que alhures. A rapidez do nosso deslocamento no-lo permite, de maneira tão fácil quanto, a vós, uma conversa com vários interlocutores.

11. Lembrai-vos de vossas existências anteriores?

Resp. – Sim. Na última fui um pobre camponês, sem nenhuma instrução; mas, anteriormente, havia sido religioso sincero, devotado ao estudo.

12. A extraordinária afeição que tínheis por vossa mulher não teria, como causa, antigas relações de outras existências?

Resp. – Não.

13. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Mais não é possível, deveis compreender.

14. Podeis definir vossa felicidade atual e dizer-nos a sua causa?

Resp. – Eu não deveria ter necessidade de vo-lo dizer: eu amava e sentia falta de um Espírito querido; amava a Deus; era honesto. Encontrei o que me faltava: eis os elementos de felicidade para um Espírito.

15. Quais as vossas ocupações como Espírito?

Resp. – Disse-vos que ao ser chamado estava junto a um homem de quem gostava; procurava inspirar-lhe o desejo do bem, como sempre fazem os Espíritos que Deus julga dignos. Temos ainda outras ocupações, que não podemos, por ora, revelar.

16. Agradecemos a gentileza de terdes vindo.

Resp. – Também vos agradeço.

UMA CONVULSIONÁRIA

Havendo as circunstâncias nos posto em contato com a filha de uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, foi possível recolher sobre essa espécie de seita alguns ensinamentos particulares. Assim, nada há de exagerado no que se relata sobre as torturas a que voluntariamente se submetiam os fanáticos. Sabe-se que uma das provas, designadas pelo nome de *grandes socorros*, consistia em sofrer a crucificação e todos os tormentos da Paixão do Cristo. A pessoa de quem falamos, falecida em 1830, ainda tinha nas mãos os buracos feitos pelos pregos que haviam servido para suspê-la à cruz, e ao lado as marcas das lançadas que havia recebido. Ela escondia cuidadosamente esses estigmas do fanatismo, e sempre tinha evitado explicá-los aos filhos. É conhecida na história das convulsionárias sob um pseudônimo que nos calaremos, por motivos que logo serão indicados. A conversa a seguir ocorreu em presença de sua filha, que a desejou. Suprimimos as suas particularidades íntimas, que não interessariam aos estranhos, mas que foram, para a moça, uma prova incontestável da identidade de sua mãe.

1. Evocação.

Resp. – Há muito que desejo conversar convosco.

2. Qual o motivo que vos levava a desejar conversar comigo?

Resp. – Sei apreciar vossos trabalhos, apesar do que possais pensar de minhas crenças.

3. Vedes aqui a senhora vossa filha? Foi, sobretudo, ela quem quis conversar convosco e ficaremos muito contentes de o aproveitar para nossa instrução.

Resp. – Sim; uma mãe sempre vê seus filhos.

4. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Sim e não, porque poderia ter feito melhor; mas Deus leva em conta a minha ignorância.

5. Lembrais perfeitamente da vossa última existência?

Resp. – Eu teria muitas coisas a vos dizer, mas orai por mim, a fim de que isto me seja permitido.

6. As torturas a que vos submetestes vos elevaram e tornaram mais feliz como Espírito?

Resp. – Não me fizeram mal, mas não me fizeram avançar em inteligência.

7. Rogo-vos a gentileza de ser mais precisa. Pergunto se aquilo vos foi levado à conta de mérito?

Resp. – Direi que tendes uma pergunta em *O Livro dos Espíritos* que dá uma resposta geral. Quanto a mim, era uma pobre fanática.

Nota – Alusão à questão 726, de *O Livro dos Espíritos*, sobre os sofrimentos voluntários.

8. Essa questão diz que o mérito dos sofrimentos voluntários está na razão da utilidade que daí resulta para o próximo. Ora, os das convulsionárias não teriam, segundo creio, senão um fim puramente pessoal?

Resp. – Era geralmente pessoal, e se jamais falei disso a meus filhos foi porque compreendia, vagamente, que não era o verdadeiro caminho.

Observação – Aqui o Espírito da mãe responde, por antecipação, ao pensamento da filha, que desejava perguntar-lhe por que, em vida, tinha evitado falar disso aos filhos.

9. Qual era a causa do estado da crise das convulsionárias?

Resp. – Disposição natural e superexcitação fanática. Jamais teria querido que meus filhos fossem arrastados por essa ladeira fatal, que hoje reconheço melhor ainda.

Respondendo espontaneamente a uma reflexão de sua filha, que, entretanto, não havia formulado a pergunta, acrescenta o Espírito: Eu não tinha educação, mas intuição de muitas existências anteriores.

10. Dentre os fenômenos produzidos entre as convulsionárias, alguns apresentam analogia com certos efeitos sonambúlicos, por exemplo, a penetração do pensamento, a visão a distância, a intuição das línguas. O magnetismo representava nisso um certo papel?

Resp. – Muito, e vários sacerdotes magnetizavam, sem que as pessoas o soubessem.

11. De onde provinham as cicatrizes que apresentáveis nas mãos e em outras partes do corpo?

Resp. – Pobres troféus de nossas vitórias, que não serviram a ninguém e que muitas vezes excitaram paixões. Deveis compreender-me.

Observação – Parece que se passavam coisas de grande imoralidade na prática das convulsionárias, que haviam revoltado o coração honesto dessa senhora, levando-a, mais tarde, quando acalmada a febre fanática, a tomar aversão por tudo quanto lhe recordasse o passado. É, sem dúvida, uma das razões por que não falou do assunto a seus filhos.

12. Realmente eram operadas curas sobre o túmulo do diácono Pâris?

Resp. – Oh! que pergunta! Sabeis muito bem que não, ou pouca coisa, sobretudo para vós.

13. Vistes Pâris depois que morrestes?

Resp. – Não me ocupei dele, porquanto o censuro por meu erro, desde que sou Espírito.

14. Como o consideráveis quando viva?

Resp. – Como um enviado de Deus. É por isso que o censuro, pelo mal que me fez em nome de Deus.

15. Mas não é ele inocente pelas tolices praticadas em seu nome após a sua morte?

Resp. – Não, porque ele próprio não acreditava no que ensinava. Quando viva não o compreendi, como o compreendo agora.

16. É verdade que o Espírito dele tenha ficado alheio, como ele o disse, às manifestações ocorridas em sua sepultura?

Resp. – Ele vos enganou.

17. Assim, ele excitava o zelo fanático?

Resp. – Sim, e ainda o faz.

18. Quais são as vossas ocupações como Espírito?

Resp. – Procuo instruir-me; é por isso que disse que desejava vir entre vós.

19. Em que lugar vos achais aqui?

Resp. – Perto do médium, com a mão sobre o seu braço ou sobre o seu ombro.

20. Se vos pudéssemos ver, sob que forma seríeis vista?

Resp. – Minha filha veria sua mãe, como quando viva. Quanto a vós, me veríeis em Espírito; a palavra, não vo-la posso dizer.

21. Explicai-vos, por gentileza. Que pretendeis dizendo que eu vos veria em Espírito?

Resp. – Uma forma humana transparente, conforme a depuração do Espírito.

22. Dissestes haver tido outras existências. Lembrais-vos delas?

Resp. – Sim, já vos falei delas e, por minhas respostas, deveis ver que tive muitas.

23. Poderíeis dizer qual a que precedeu a última, que conhecemos?

Resp. – Não esta noite e não por este médium. Pelo senhor, se quiserdes.

Nota – Ela designa um dos assistentes que começava a escrever como médium e explica sua simpatia por ele, porque, diz tê-lo conhecido em sua precedente existência.

24. Ficaríeis contrariada se eu publicasse esta conversa na *Revista*?

Resp. – Não; é necessário que o mal seja divulgado. Mas não me chameis... (seu nome de guerra); detesto esse nome. Designai-me, se quiserdes, como a grande mestra.

Observação – É para condescender com o seu desejo que não citamos o nome pelo qual era conhecida e que lhe traz penosas recordações.

25. Nós vos agradecemos por terdes vindo, e pelas explicações que nos destes.

Resp. – Sou eu quem vos agradece por terdes proporcionado à minha filha a oportunidade de encontrar sua mãe, e a mim, a de poder fazer um pouco de bem.

Variedades

A BIBLIOTECA DE NOVA YORK

Lê-se no *Courrier des États-Unis*:

Um jornal de Nova York publica um fato bastante curioso, do qual certo número de pessoas já tinha conhecimento, e sobre o qual, desde alguns dias, eram feitos comentários assaz divertidos. Os espiritualistas vêem nele um exemplo a mais das manifestações do outro mundo. As pessoas sensatas não vão procurar tão longe a explicação, reconhecendo claramente os sintomas característicos de uma alucinação. É também a opinião do próprio Dr. Cogswell, o herói da aventura.

O Dr. Cogswell é o bibliotecário chefe da *Astor Library*. O devotamento que se permite ao acabamento de um catálogo completo da biblioteca, muitas vezes o leva a consagrar a esse trabalho as horas que deveria destinar ao sono. É assim que tem oportunidade de visitar sozinho, à noite, as salas onde tantos volumes se acham arrumados nas estantes.

Há cerca de quinze dias, pelas onze horas da noite, ele passava, com o castiçal na mão, diante de um dos recantos cheios de livros, quando, para sua grande surpresa, percebeu um homem bem-posto, que parecia examinar com cuidado os títulos dos volumes. A princípio, imaginando que se tratasse de um ladrão, recuou e observou atentamente o desconhecido. Sua surpresa tornou-se ainda mais viva quando reconheceu, no visitante

noturno, o doutor ***, que tinha vivido na vizinhança de Lafayette-Place, mas que estava morto e enterrado havia seis meses.

O Dr. Cogswell não acredita muito em aparições e as teme menos ainda. Não obstante, resolveu tratar o fantasma com atenção e, levantando a voz, disse-lhe: Doutor, como se explica que em vida provavelmente jamais tenhais vindo a esta biblioteca, e agora a visitais depois de morto? Perturbado em sua contemplação, o fantasma olhou o bibliotecário ternamente e desapareceu sem responder.

– Singular alucinação, disse o Sr. Cogswell de si para si. Sem dúvida terei comido algo indigesto ao jantar.

Retornou ao trabalho; depois foi deitar-se e dormiu tranqüilamente. No dia seguinte, à mesma hora, teve vontade de visitar a biblioteca. No mesmo local da véspera encontrou o mesmo fantasma, dirigiu-lhe as mesmas palavras e obteve o mesmo resultado.

Eis uma coisa curiosa, pensou ele; é preciso que eu volte amanhã.

Antes de voltar, porém, o Dr. Cogswell examinou as estantes que pareciam interessar vivamente ao fantasma e, por uma singular coincidência, reconheceu que estavam repletas de obras antigas e modernas de necromancia. No dia seguinte, ao encontrar pela terceira vez o doutor morto, variou a pergunta e lhe disse: “É a terceira vez que vos encontro, doutor. Dizei-me se algum desses livros perturba vosso repouso, a fim de que eu o mande retirar da coleção.” O fantasma não respondeu desta, como das outras vezes, mas desapareceu definitivamente, e o perseverante bibliotecário pôde voltar à mesma hora e ao mesmo lugar, noites seguidas, sem o encontrar.

Entretanto, aconselhado por amigos, aos quais havia contado a história, e pelos médicos a quem consultou, decidiu repousar um pouco e fazer uma viagem de algumas semanas até Charlestown, antes de retomar a tarefa longa e paciente que se havia imposto, e cuja fadiga, sem dúvida, havia causado a alucinação que acabamos de narrar.

Observação – Sobre o artigo, faremos uma primeira observação: é a falta de cerimônia com que os negadores dos Espíritos se atribuem o monopólio do bom-senso. “Os espiritualistas – diz o autor – vêem no fato um exemplo a mais das manifestações do outro mundo; *as pessoas sensatas* não vão procurar tão longe a explicação, reconhecendo *claramente* os sintomas de uma alucinação.” Assim, de acordo com esse autor, somente são sensatas as pessoas que pensam como ele; as demais não têm senso comum, mesmo que fossem doutores, e o Espiritismo os conta aos milhares. Estranha modéstia, na verdade, a que tem por máxima: Ninguém tem razão, exceto nós e nossos amigos!

Ainda estamos para ter uma definição clara e precisa, uma explicação fisiológica da alucinação. Mas, em falta de explicação, há um sentido ligado a esta palavra; no pensamento dos que a empregam, significa ilusão. Ora, quem diz *ilusão* diz *ausência de realidade*; segundo eles, é uma imagem puramente fantástica, produzida pela imaginação, sob o império de uma superexcitação cerebral. Não negamos que assim possa ser em certos casos; a questão é saber se todos os fatos do mesmo gênero estão em condições idênticas. Examinando o que foi relatado acima, parece que o Dr. Cogswell estava perfeitamente calmo, como ele próprio declara, e que nenhuma causa fisiológica ou moral teria vindo perturbar-lhe o cérebro. Por outro lado, mesmo admitindo nele uma ilusão momentânea, restaria ainda explicar como essa ilusão se produziu vários dias seguidos, à mesma hora, e com as mesmas circunstâncias; isso não é o caráter da alucinação propriamente dita. Se uma causa material desconhecida impressionou seu cérebro no primeiro dia, é evidente que essa causa cessou ao cabo de alguns

instantes, quando o fantasma desapareceu. Como, então, ela se reproduziu identicamente três dias seguidos, com vinte e quatro horas de intervalo? É lamentável que o autor do artigo tenha negligenciado de o fazer, porquanto deve, sem dúvida, ter excelentes razões, visto pertencer ao grupo das pessoas sensatas.

Contudo, reconhecemos que, no fato acima mencionado, não há nenhuma prova positiva da realidade e que, a rigor, poder-se-ia admitir que a mesma aberração dos sentidos tenha podido repetir-se. Mas dar-se-á o mesmo quando as aparições são acompanhadas de circunstâncias, de certo modo, materiais? Por exemplo, quando pessoas, não em sonho, mas perfeitamente despertas, vêem parentes ou amigos ausentes, nos quais absolutamente não pensavam, aparecer-lhes no momento da morte, que vêm anunciar, pode-se dizer que seja um efeito da imaginação? Se o fato da morte não fosse real, haveria incontestavelmente ilusão; mas quando o acontecimento vem confirmar a previsão – e o caso é muito freqüente – como não admitir outra coisa, senão simples fantasmagoria? Ainda que o fato fosse único, ou mesmo raro, poder-se-ia crer num jogo do acaso; mas, como dissemos, os exemplos são inumeráveis e perfeitamente provados. Que os *alucinacionistas* se disponham a nos dar uma explicação categórica e, então, veremos se suas razões são mais probantes que as nossas. Gostaríamos, sobretudo, que nos provassem a impossibilidade material que a alma – principalmente eles, que se julgam sensatos por excelência, e admitem que temos uma alma que sobrevive ao corpo – que nos provassem, dizíamos, que essa alma, que deve estar em toda parte, não possa estar à nossa volta, ver-nos, ouvir-nos e, desde então, comunicar-se conosco.

A NOIVA TRAÍDA

O fato seguinte foi narrado pela *Gazzetta dei Teatri*, de Milão, de 14 de março de 1860.

Um rapaz amava perdidamente uma jovem, que o retribuía, e com a qual ia casar-se, quando, cedendo a um lamentável arrastamento, abandonou a noiva por uma mulher indigna de verdadeiro amor. A infeliz abandonada roga, chora, mas tudo é inútil: seu volúvel amante permanece surdo a seus lamentos. Então, desesperada, penetra na casa dele, onde, em sua presença, expira em conseqüência do veneno que havia tomado. À vista do cadáver daquela cuja morte acabara de causar, uma terrível reação nele se opera e, por sua vez, quer também pôr termo à vida. Entretanto, sobrevive; sua consciência, porém, sempre lhe reprovava o crime. Desde o momento fatal, diariamente, à hora do jantar, via a porta do quarto abrir-se e a noiva aparecer-lhe sob o aspecto de um esqueleto ameaçador. Por mais procurasse distrair-se, mudar de hábitos, viajar, cercar-se de companhias alegres, parar o relógio, nada conseguia. Onde quer que estivesse, à hora certa, o espectro sempre se apresentava. Em pouco tempo emagreceu e sua saúde alterou-se, a ponto de os facultativos desanimarem de o salvar.

Um médico amigo seu, estudando-o a sério, depois de inutilmente haver experimentado diversos remédios, teve a seguinte idéia: Na esperança de demonstrar-lhe que ele era vítima de uma ilusão, procurou um esqueleto verdadeiro e o mandou depositar no quarto vizinho; depois, tendo convidado o amigo para jantar, ao soarem as quatro horas, que era a hora da visão, fez vir o esqueleto por meio de polias, dispostas para esse fim. O médico pensava triunfar, mas seu amigo, tomado de súbito terror, exclamou: Ai de mim! já não basta um; agora são dois. E caiu morto, como se fulminado.

Observação – Ao ler o relato que publicamos, e dando crédito ao jornal italiano, de onde o extraímos, os *alucinacionistas* terão argumentos de sobra, porque poderão dizer, e com razão, que havia uma causa evidente de superexcitação cerebral, que pôde produzir uma ilusão naquele espírito vivamente impressionado. Nada prova, com efeito, a realidade da aparição, que poderia ser

atribuída a um cérebro enfraquecido por um violento abalo. Para nós, que conhecemos tantos fatos análogos indubitáveis, dizemos que ela é possível e, em todo caso, o conhecimento aprofundado do Espiritismo teria dado ao médico um meio mais eficaz de curar seu amigo. O meio teria sido evocar a jovem em outras horas e com ela conversar, seja diretamente, seja com o auxílio de um médium; perguntar-lhe o que deveria fazer para lhe ser agradável e obter seu perdão; pedir a intercessão do anjo-da-guarda junto a ela para aplacá-la. E, afinal, visto que ela o amava, seguramente haveria de esquecer-lhe os erros, se nele tivesse reconhecido um arrependimento e um pesar sinceros, em vez de simples terror, que talvez fosse o sentimento dominante no rapaz. Teria deixado de mostrar-se sob uma forma horrível para assumir a forma graciosa que tinha em vida, ou, então, cessaria de aparecer. Talvez lhe tivesse dito boas palavras, que lhe haveriam de restabelecer a calma de espírito. A certeza de que jamais estariam separados, de que ela velava ao seu lado e de que um dia estariam reunidos, ter-lhe-ia proporcionado coragem e resignação. É um resultado que muitas vezes temos podido constatar.

Os Espíritos que aparecem espontaneamente sempre têm um motivo. O melhor, no caso, é perguntar-lhes o que desejam; se estão sofrendo devemos orar por eles e fazer o que lhes possa ser agradável. Se a aparição tem um caráter permanente e de obsessão, cessa quase sempre quando o Espírito fica satisfeito. Se o Espírito que se manifesta com obstinação, seja à vista, seja por meios perturbadores, que não poderiam ser tomados por uma ilusão, é mau; e, se age com malevolência, geralmente é mais tenaz, o que não impede que sejamos mais perseverantes, sobretudo pela prece sincera feita em sua intenção. Mas é preciso estarmos realmente convencidos de que não há, para isso, nem palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas, nem exorcismos que tenham a menor influência. Quanto piores mais se riem do pavor que inspiram e da importância ligada à sua presença. Divertem-se ao serem chamados diabos ou demônios, razão por que tomam

gravemente os nomes de Asmodeu, Astaroth, Lúcifer e outras qualificações infernais, redobrando de malícias, ao passo que se retiram quando vêem que perdem tempo com gente que não se deixa enganar, e que se limita a rogar para eles a misericórdia divina.

SUPERSTIÇÃO

Lê-se no *Siècle*, de 6 de abril de 1860:

“O Sr. Félix N..., jardineiro dos arredores de Orléans, passava por ter a habilidade de isentar os conscritos do sorteio, isto é, de os fazer obter um bom número. Prometeu ao Sr. Frédéric Vincent P..., jovem vinhateiro de St-Jean-de-Braye, fazê-lo tirar o número que quisesse, mediante a quantia de 60 francos, trinta dos quais adiantadamente e o restante após o sorteio. O segredo consistia em rezar três *Pater* e três *Ave* durante nove dias. Além disso, o feiticeiro afirmava que, graças ao que fazia de sua parte, a coisa beneficiaria o conscrito e o impediria de dormir durante a última noite, mas que ficaria isento. Infelizmente o encanto não funcionou; o conscrito dormiu como de costume e tirou o número 31, que o fez soldado. Repetidos duas vezes ainda, esses fatos não puderam ser mantidos em segredo e o feiticeiro Félix foi levado à justiça.”

Os adversários do Espiritismo o acusam de despertar idéias supersticiosas. Mas, o que haverá de comum entre a doutrina que ensina a existência do mundo invisível, comunicando-se com o mundo visível, e fatos da natureza do que relatamos, que são os verdadeiros tipos de superstição? Onde se viu alguma vez que o Espiritismo tenha ensinado semelhantes absurdos? Se aqueles que o atacam a tal respeito se dessem ao trabalho de estudá-lo, antes de o julgar tão levemente, não somente saberiam que ele condena todas as práticas divinatórias, como lhes demonstra a inutilidade. Portanto, como temos dito muitas vezes, o estudo sério do Espiritismo tende a destruir as crenças verdadeiramente supersticiosas. Na maioria das crenças populares há, quase sempre,

um fundo de verdade, embora desnaturada e amplificada. São os acessórios, as falsas aplicações que, a bem dizer, constituem a superstição. Assim é que os contos de fadas e de gênios repousam sobre a existência de Espíritos bons ou maus, protetores ou malévolos; que todas as histórias de fantasmas têm sua origem no fenômeno muito real das manifestações espíritas, visíveis e mesmo tangíveis. Tal fenômeno, hoje completamente provado e *explicado*, entra na categoria dos fenômenos naturais, que são uma consequência das leis eternas da criação. Mas o homem raramente se contenta com a verdade que lhe parece muito simples; pela imaginação ele a reveste com todas as quimeras e é então que cai no absurdo. Vêm depois os que têm interesse em explorar essas mesmas crenças, às quais juntam um prestígio fantástico, próprio a servir aos seus interesses. Daí essa turba de adivinhos, de feiticeiros, de ledores da sorte, contra os quais a lei impõe o rigor da justiça. O Espiritismo verdadeiro, racional, não é, pois, mais responsável pelos abusos que se cometem em seu nome, do que o é a Medicina, pelas fórmulas ridículas e pelas práticas empregadas por charlatães ou pessoas ignorantes. Ainda uma vez: Antes de julgá-lo, dai-vos ao trabalho de o estudar.

Concebe-se um fundo de verdade em certas crenças, mas talvez se pergunte sobre que pode repousar a que originou o fato acima, crença muito espalhada em nosso interior, como se sabe. Parece-nos que tem seu princípio no sentimento intuitivo dos seres invisíveis, aos quais se é levado a atribuir um poder de que muitas vezes não dispõem. A existência dos Espíritos enganadores que pululam à nossa volta, em consequência da inferioridade do nosso globo, como insetos nocivos num pântano, e que se divertem à custa das pessoas crédulas, predizendo-lhes um futuro quimérico, sempre próprio a lisonjear seus gostos e desejos, é um fato cuja prova nos é dada diariamente pelos médiuns atuais. O que se passa aos nossos olhos tem ocorrido em todas as épocas, pelos meios de comunicação em uso conforme o tempo e os lugares; eis a realidade. Com o auxílio do charlatanismo e da cupidez, a realidade passou ao estado de crença supersticiosa.

PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA

No dia 11 de fevereiro último o Sr. X..., um dos nossos mais ilustres literatos, achava-se em casa da Srta. Huet, com seis outras pessoas, há tempos iniciadas nas manifestações espíritas. O Sr. X... e a Srta. Huet assentaram-se face a face, em volta de uma mesinha escolhida pelo próprio Sr. X... Este último tirou do bolso um papel perfeitamente branco, dobrado em quatro e por ele marcado com sinal quase imperceptível, embora suficiente para ser facilmente reconhecido; colocou-o sobre a mesa e o cobriu com um lenço branco que lhe pertencia. A Srta. Huet pôs as mãos sobre a ponta do lenço; o Sr. X... fez o mesmo, pedindo aos Espíritos uma manifestação direta, com vistas à sua instrução. Pediu-a de preferência a Channing, evocado com essa finalidade. Ao cabo de dez minutos, ele mesmo levantou o lenço e retirou o papel, que trazia escrito de um lado o esboço de uma frase traçada com dificuldade e quase ilegível, mas na qual se podiam descobrir os rudimentos destas palavras: *Deus vos ama*; do outro lado estava escrito: *Deus*, no ângulo exterior, e *Cristo*, no fim do papel. Esta última palavra era escrita de modo a deixar uma impressão na folha dupla.

Uma segunda prova foi feita em condições exatamente iguais e, ao cabo de um quarto de hora, o papel continha, na face inferior, e em caracteres fortemente traçados em negro, estas palavras inglesas: *God loves you* e, mais abaixo, Channing. No fim do papel ele havia escrito em francês: *Fé em Deus*; enfim, no reverso da mesma página existia uma cruz com um sinal semelhante a um caniço, ambos traçados com uma substância vermelha.

Terminada a prova o Sr. X... exprimiu à Srta. Huet o desejo de obter, por seu intermédio, considerando-se a sua condição de médium escrevente, algumas explicações mais desenvolvidas de Channing, estabelecendo-se entre ele e o Espírito o seguinte diálogo:

P. Channing, estais presente?

Resp. – Eis-me aqui; estais contente comigo?

P. A quem se destina o que escrevestes, a todos ou a mim particularmente?

Resp. – Escrevi esta frase, cujo sentido se dirige a todos os homens; mas, escrevendo-a em inglês, a experiência é para vós, em particular. Quanto à cruz, é o sinal da fé.

P. Por que a fizestes em cor vermelha?

Resp. – Para vos pedir fé. Eu nada podia escrever, era muito longo. Dei a vós um sinal simbólico.

P. O vermelho é, pois, a cor que simboliza a fé?

Resp. – Certamente; é a representação do batismo de sangue.

Observação – A Srta. Huet não sabe inglês e o Espírito quis dar, assim, uma prova a mais de que seu pensamento era estranho à manifestação. Ele o fez espontaneamente e de boa vontade, mas é mais que provável que se tivessem pedido como prova ele não teria se prestado a isso. Sabe-se que os Espíritos não gostam de servir de instrumento visando experiências. Muitas vezes as provas mais patentes surgem quando menos se espera; e quando os Espíritos agem por sua iniciativa, freqüentemente dão mais do que se lhes teria pedido, seja porque desejam mostrar sua independência, seja porque, para a produção de certos fenômenos, seria necessário o concurso de circunstâncias que, nem sempre, nossa vontade é suficiente para as fazer nascer. Nunca seria demais repetir que os Espíritos têm livre-arbítrio e querem provar-nos que não se submetem aos nossos caprichos. Eis por que raramente acedem ao desejo da curiosidade.

Os fenômenos, seja qual for a sua natureza, jamais estão, de uma maneira certa, à nossa disposição, e ninguém poderia gabar-se de obtê-los à vontade e num dado momento. Quem os

quiser observar deve resignar-se a esperá-los e, muitas vezes é, da parte dos Espíritos, uma prova para a perseverança do observador e do fim a que se propõe. *Os Espíritos pouco se preocupam em divertir os curiosos* e só se ligam de boa vontade às pessoas sérias, que provam vontade de instruir-se, para tanto fazendo o que for necessário, sem mercadejar seu esforço e seu tempo.

A produção simultânea de sinais em caracteres de cores diferentes é um fato extremamente curioso; contudo, não é mais sobrenatural que os outros. Podemos dar-nos conta desse fato lendo a teoria da escrita direta na *Revista Espírita* do mês de agosto de 1859. Com a explicação desaparece o maravilhoso, resultando num simples fenômeno que tem sua razão de ser nas leis gerais da Natureza, e no que poderíamos chamar a fisiologia dos Espíritos.

ESPIRITISMO E ESPIRITUALISMO

Num discurso pronunciado ultimamente no Senado, por S. Em.^a o Cardeal Donnet, nota-se a frase seguinte: “Mas hoje, como outrora, é certo dizer, com um eloqüente publicista que, no gênero humano, o *Espiritualismo* é representado pelo Cristianismo.”

Incorreríamos, sem dúvida, em estranho erro se pensássemos que o ilustre prelado, em tal circunstância, tivesse entendido o *Espiritualismo* no sentido da manifestação dos Espíritos. Esta palavra é aqui empregada em sua verdadeira acepção e o orador não podia exprimir-se de outra maneira; e, a menos que se servisse de uma perífrase, não existiria outro termo para exprimir o mesmo pensamento. Se não tivéssemos indicado a fonte de nossa citação, certamente poderiam pensar que tivesse saído *textualmente* da boca de um espiritualista americano, a propósito da Doutrina dos Espíritos, igualmente representada pelo *Cristianismo*, que é a sua mais sublime expressão. De acordo com isso, seria possível que um futuro erudito, interpretando à vontade as palavras de monsenhor Donnet, tentasse demonstrar, aos

nossos sobrinhos-neto, que em 1860 um cardeal tinha professado publicamente, perante o Senado da França, a manifestação dos Espíritos? Não vemos no fato uma nova prova da necessidade de existir uma palavra para cada coisa, a fim de nos entendermos? Quantas disputas filosóficas intermináveis não tiveram por causa o sentido múltiplo das palavras! O inconveniente é mais grave ainda nas traduções, oferecendo-nos o texto bíblico mais de um exemplo. Se, na língua hebraica, a mesma palavra não tivesse significado *dia* e *período*, não nos teríamos enganado sobre o sentido do Gênesis, a propósito da duração da formação da Terra, e o anátema não teria sido lançado, por falta de entendimento, contra a Ciência, quando esta demonstrou que a referida formação não poderia ter sido realizada em seis vezes 24 horas.

Ditados Espontâneos

AS DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS¹⁸

(Comunicação particular obtida pela Sra. Desl..., membro da Sociedade, de seu finado marido)

Escuta-me, cara amiga, se queres que te diga boas e grandes coisas. Não vês a direção dada a certos acontecimentos, e a vantagem que daí se pode tirar para o progresso da obra santa? Ouve os Espíritos elevados e trata, sobretudo, de não os confundir com os que procuram impor-se por uma linguagem mais pretensiosa do que profunda. Não mistures os teus com os pensamentos deles. Seria possível que os habitantes da Terra pudessem encarar as coisas do mesmo ponto de vista que os Espíritos desprendidos da matéria e obedientes às leis do Senhor? Não confundas num mesmo conjunto todos os Espíritos: eles são de ordens bem diferentes. O estudo do Espiritismo vo-lo ensina, mas, deste lado, quanto tendes ainda a aprender! Há, na Terra, uma multidão de indivíduos cuja inteligência não se assemelha absolutamente; alguns dentre eles parecem aproximar-se mais dos animais que do homem, ao passo que existem outros de tal modo

18 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

superiores que se é tentado a dizer que se aproximam de Deus, espécie de blasfêmia, que se deve traduzir pelo pensamento de que eles têm em si uma centelha dessas claridades celestes, lançadas em seu coração pelo divino Mestre. Pois bem! Seja qual for a diversidade das inteligências na raça humana, convence-te de que tal diversidade é infinitamente maior ainda entre os Espíritos. Neste ponto há os inferiores, que não têm semelhantes entre os homens, enquanto os há bastante purificados para se aproximarem de Deus e O contemplar em toda a sua glória. Submetidos às suas menores ordens, só aspiram a obedecer e a agradecer. Chamados a circular em meio dos mundos, ou a fixar-se segundo o que convém à execução dos grandes desígnios do Senhor, a uns diz: Ide, revelai meu poder a esses seres grosseiros, cuja inteligência já é tempo de despertar. A outros: Percorrei esses mundos, a fim de que, guiados por vossos ensinamentos, os seres superiores que os habitam juntem novas grandezas a todas as que já lhes foram reveladas. Que todos sejam instruídos de que chegará o dia em que as claridades do alto não mais serão obscurecidas, mas brilharão eternamente.

Teu amigo

Os dois ditados seguintes foram obtidos num pequeno círculo íntimo do bairro de Luxemburgo, e nos são enviados por nosso colega Sr. Solichon, que os assistiu. Lamentamos que nossas ocupações ainda não nos tenham permitido comparecer a essas reuniões, para as quais houveram por bem convidar-nos. Sentir-nos-emos felizes quando pudermos assisti-las, porque sabemos que são presididas por um sentimento de verdadeira caridade cristã e de recíproca benevolência.

I

REMORSO E ARREPENDIMENTO

Estou contente por ver que vos reunis pela mesma fé e pelo amor de Deus Todo-Poderoso, nosso divino Senhor. Possa ele guiar-vos sempre no bom caminho e cumular-vos com seus benefícios, o que fará se vos tornardes dignos.

Amai-vos sempre uns aos outros, como irmãos; prestai-vos mútuo auxílio, e que o amor do próximo não vos seja uma palavra vazia de sentido.

Lembraí-vos de que a caridade é a mais bela das virtudes, e que, de todas, é a mais agradável a Deus; não só dessa caridade que dá um óbolo aos infelizes, mas a que vos leva a ter compaixão das misérias de nossos irmãos; que vos faz partilhar suas dores morais, aliviar o fardo que os oprime, a fim de lhes tornar a dor menos viva e a vida mais fácil.

Recordai-vos de que o arrependimento sincero obtém o perdão de todas as faltas, tamanha é a bondade de Deus. O remorso nada tem em comum com o arrependimento; o remorso, meus irmãos, já é o prelúdio do castigo. O arrependimento, a caridade, a fé, vos conduzirão às felicidades reservadas aos Espíritos bons.

Ides ouvir a palavra de um Espírito superior, bem-amado de Deus. Recolhei-vos e abri o coração às lições que ele vos dará.

Um Anjo-da-Guarda

II

OS MÉDIUNS

Sinto-me satisfeito por ver que sois pontuais ao encontro que vos marquei. Possa a bondade de Deus estender-se sobre vós e serdes auxiliados por vossos anjos-da-guarda, com seus conselhos, preservando-vos da influência dos Espíritos maus, se souberdes escutar sua voz e fechar o coração ao orgulho, à vaidade e à inveja.

Encarregou-me Deus de uma missão a cumprir junto aos crentes que ele favorece com o mediunato. Quanto mais graças receberem do Altíssimo, mais perigos correrão; e esses perigos são

tanto maiores quanto nascem dos mesmos favores que Deus lhes concede.

As faculdades de que gozam os médiuns lhes atraem os elogios dos homens: felicitações, adulações, eis o escolho. Esses mesmos médiuns, que deveriam ter sempre presente na memória a sua incapacidade primitiva, a esquecem; fazem mais: o que só devem a Deus, atribuem ao seu próprio mérito. Que acontece, então? Os Espíritos bons os abandonam. Não tendo mais bússola para os guiar, se transformam em joguete dos Espíritos enganadores. Quanto mais capazes, mais são levados a considerar sua faculdade um mérito, até que, enfim, para os punir, Deus lhes retira o dom, que apenas lhes pode ser fatal.

Nunca seria demais lembrar que vos recomendeis ao vosso anjo-da-guarda, para que vos auxilie a vos manter vigilantes contra vosso mais fiel inimigo, que é o orgulho. Lembrai-vos de que sem o apoio de vosso divino Mestre, vós, que tendes a felicidade de servir de intermediários entre os Espíritos e os homens, sereis punidos tanto mais severamente quanto mais favorecidos, se não tiverdes aproveitado a luz.

Apraz-me crer que esta comunicação, da qual dareis conhecimento à Sociedade, produzirá seus frutos, e que todos os médiuns que lá se acham reunidos manter-se-ão em guarda contra o escolho que os destruiriam. Esse escolho – já o disse a todos – é o orgulho.

Joana d'Arc

Aviso: Temos a satisfação de anunciar aos nossos leitores a reimpressão da *História de Joana d'Arc*, ditada por ela mesma. Essa obra aparecerá em breve, na livraria do Sr. Ledoyen. Voltaremos a falar novamente dela.

Allan Kardec